



JÚLIO
CÉSAR
(1599)

ATO I

Percepção pelos senadores do perigo que Júlio César representa e articulações iniciais para derrubá-lo.

ATO II

Consolidação do plano de assassinato de Júlio César.

ATO III

Assassinato de Júlio César e reação pública.

ATO IV

Preparação da guerra e divergências entre os aliados.

ATO V

Conflitos finais. Morte de Bruto e de Cássio.

***Dias finais da vida de Júlio César (100-44 a.C.) , que pertencera ao triunvirato (junto a Crasso e Pompeu), líder do exército, político popular e populista, ditador centralizador.**

***Peça histórica romana, assim como Tito Andrônico, Antônio e Cleópatra e Coriolano.**



Denário com busto de Júlio César, 44 a.C.

ATO I . CENA I

[...]

FLÁVIO: Bom homem - o senhor é sapateiro?

SAPATEIRO: Isso mesmo patrão; só na sovela. Sim, senhor: sou um cirurgião de sapatos velhos; quando correm risco de vida, eu os resgato. Os homens mais finos desta cidade andam por aí com minhas obras-primas na sola dos pés.

FLÁVIO: Mas por que não está em sua loja?
Por que guia esses homens pela rua.

SAPATEIRO: Ora, ora, senhor, quero fazer essa gente toda gastar seus sapatos; assim, tenho mais trabalho e ganho mais dinheiro. Mas, falando sério, senhor, nos demos uma folga, para ver César e comemorar seu triunfo.

MARULO: Comemorar por quê? Quais são as suas conquistas?
Que tributários o seguiram à Cidade,
Adornando, em grilhões, as rodas de seu carro?
Ó bloco, pedras, mais brutais que as coisas brutas!
Ó pétreos corações, cruéis homens de Roma!

*Tradução de José Francisco Botelho. Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.



O triunfo de César, cerca de 1510, Jacopo Palma

ATO I . CENA II

Fanfarras e gritos.

BRUTO: Mas que gritos são esses? Eu receio
Que o povo escolha César como rei.

CÁSSIO: Receias? Devo concluir, então,
Que não te agrada ver coroadado.

BRUTO: Não me agrada; e, assim mesmo, eu o amo muito.
Mas por que me deténs por tanto tempo?
O que desejas me dizer, enfim?
Se acaso é algo em prol do bem comum,
Põe frente a um olho a honra; e noutro, a morte,
E hei de olhá-las de forma indiferente;
Pois os deuses me ajudam na medida
Em que amo a honra mais que temo a morte.

[continuação]

CÁSSIO: Eu sei que essa virtude existe em ti:
Eu vejo-a, como as linhas do teu rosto.
Bem, honra hoje é o assunto de meu conto.
Não sei o que tu pensas desta vida,
Nem peço a opinião da raça humana;
Mas eu, por mim, prefiro não ser nada,
A ser, viver e estremecer à sombra
De alguma criatura igual a mim.
Tu e eu nascemos livres, como César,
Os mesmos alimentos nos nutriam,
E o frio do inverno a todos nos afeta.

[...]

CÁSSIO: Ah, ele calca aos pés o mundo estreito
Como um Colosso, enquanto nós, homúnculos,
Andamos entre as pernas do gigante,
Em busca de um sepulcro desonroso.

**César recusa três vezes a coroa que Marco Antônio lhe oferece (retórica).*

**Diferença entre Cássio e Bruto.*



Júlio César, 1970, direção de Stuart Burge

ATO I . CENA III

- Noite horrível: “fogosa, sanguinária e formidável”.
- Turba de pálidas mulheres, leão, mão de um escravo queimando.
- Relâmpago e trovão. “Temporal de fogo”.
- Tentativa de articulação com Casca, Cina e Cícero (o qual declina).

ATO II . CENA II (amanhecer)

BRUTO: É preciso matá-lo: ainda que eu não tenha
Motivo pessoal para querer feri-lo,
Exceto o bem comum. Pois ele quer ser rei.
Como a coroa vai mudar sua natureza?
Eis a questão. A luz do dia atrai a víbora
E exige precaução no andar. Ah! Corá-lo!
Isso é dotá-lo com a ponta de um ferrão
Que poderá usar como arma perigosa.
O abuso do grandeza ocorre ao separar-se
O remorso e o poder; e para ser sincero
Não vi César ceder jamais ceder as suas paixões
Esquecendo a razão. Mas é coisa sabida
Que a modéstia é uma escada às ambições nascentes.
O ambicioso olha a escada enquanto vai subindo,
Porém, nem bem alcança os píncaros finais
À escada vira as costas e olha então as nuvens
Tratando com desprezo os míseros degraus
Que usou para ascender. Será assim com César? [...]

ATO II. CENA I

- **BRUTO:** *[Abre e lê a carta]* “Tu dorme, Bruto. Acorda e olha teu rosto! Deixarás Roma - et cetera. Golpeia! Age, fala, endireita! Acorda, Bruto!”
- Bruto como líder de grande respeito.
- Conjurados se reúnem na casa de Bruto: Cássio, Casca, Décio Bruto, Cina, Metelo Címber e Trebônio. Crime planejado.
- “Antônio e César devem cair juntos” *versus* “Pareceremos muito sanguinários”



Cícero denuncia Catila, 1889, Cesare Maccari

ATO II . CENA II (amanhecer)

- Sonho de Calpúrnia, que repetira três vezes ao longo da noite: “Socorro! César está morto!”

CÉSAR: “À noite, teve um sonho e viu a minha estátua

Que, semelhante a uma fonte com cem jatos,

Vertia sangue puro; e ávidos romanos

Vinham sorrindo e ali banhavam suas mãos.”

- Décio dissuade-o, reinterpretando o sangue do sonho como fluídos de força e glória, e contando-lhe a respeito da intenção dos senadores de coroá-lo naquele dia.
- Bruto, Ligário, Metelo, Casca, Trebônio, Cina e Públio buscam César.

ATO II . CENA IV

PÓRCIA: [...] Constância, dá-me força e me sustenta;

Ergue um monte entre a alma e a minha língua!

Se no meu pensamento eu sou um homem,

Sou mulher no poder de minha ação.

Prudência feminina, como és árdua!

**Sobrenatural: Vidente e os Idos de Março*

**Papéis femininos*

ATO III . CENA I

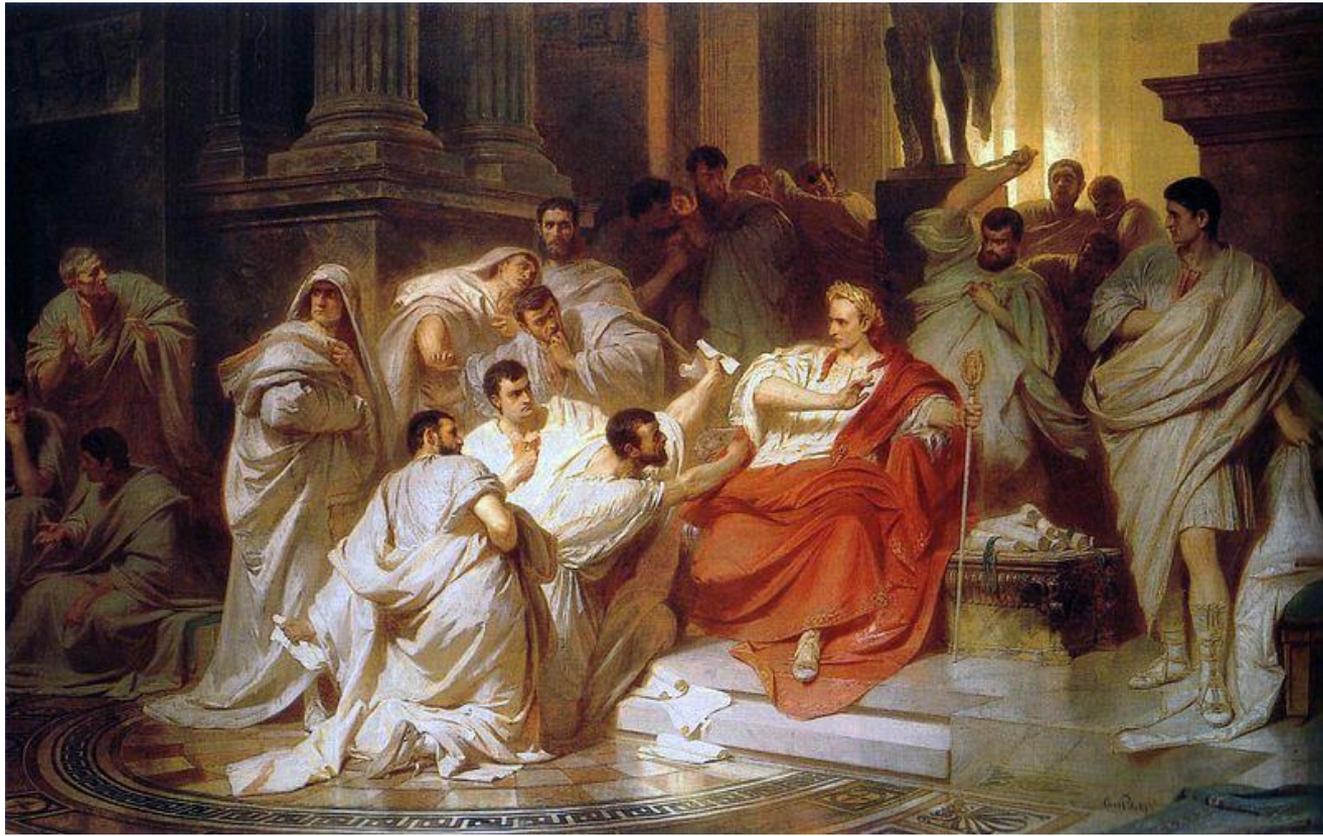
Conjurados ajoelham-se aos pés de César.

CÉSAR: Se eu fosse igual, talvez me comovesse,
Mas súplicas não movem quem jamais suplica.
Eu sou constante como a estrela boreal
De cuja natureza firme e inamovível
Não há qualquer rival em todo firmamento.
[...]

Esfaqueiam César.

CÉSAR: *Et tu, brute?* - Então, desaba, César!

**César não é o protagonista.
Banham as mãos com o sangue de César.



Assassinato de César, 1865, Karl Theodor von Piloty

ATO III . CENA I

(Marco Antônio manda seu servo solicitar aos conjurados para que ele possa se aproximar. Pede para discursar nas exéquias)

MARCO ANTÔNIO: [...] Então vos rogo

Se me odiais, cumpri vosso desejo

Com mãos cheirando ainda a sangue quente.

MARCO ANTÔNIO: [...] Minha reputação agora oscila

Em terreno traiçoeiro e resvalante,

Pois de duas maneiras deformadas

É possível que agora me julgueis:

Como um adulator ou um covarde.

ATO III . CENA II

PLEBEUS: Queremos explicação! Exigimos explicação!

BRUTO: Romanos, conterrâneos, camaradas, ouçam a minha causa e façam silêncio para que possam ouvir. Acreditem-me por minha honra, e reconheçam minha honra para que possam acreditar. [...] Se houver alguém nesta assembleia, algum zeloso amigo de César, a ele eu assevero que a amizade de Bruto por César não era menor que a sua. Se esse amigo então perguntar porque Bruto se ergueu contra César, esta é minha resposta: não foi por amar menos a César, mas por amar Roma ainda mais. [...] Porque César foi meu amigo, eu o choro; porque ele foi venturoso, eu me alegro; porque ele foi valente, eu o respeito; mas por que ele foi ambicioso, eu o matei.

ATO III . CENA II

Entra com o corpo de César.

ANTÔNIO: [...] Venho falar do funeral de César.

Foi meu amigo, justo, bom, fiel, leal;
Mas Bruto diz que ele era ambicioso
E Bruto é um homem muito honrado.
Vários cativos César trouxe a Roma,
Cujos resgates encheu os cofres públicos:
Isso em César parece ambicioso?
Vendo os pobres chorar, também chorava;
A ambição deve ter metal mais duro:
Mas Bruto diz que ele era ambicioso
E Bruto é um homem muito honrado.
[...] Prefiro injustiçar o morto, e a mim mesmo
E a vocês todos. Isso é preferível.
A ofender esses homens tão honrados.

[...] Meus queridos amigos, paciência;
Não posso ler. Não é apropriado
Que saibam quanto César os amava.
[...] É melhor que jamais fiquem sabendo
Que os herdeiros de César são vocês,
Pois o que ocorrerá, se descobrirem?

Tira o manto.

**Aprovação popular é algo mais central para o enredo em comparação a outras peças.*

**Em questão: ambicioso ou benevolente? Justo ou tirano? Traidores ou zeladores da honra? Assassinato cruel ou ação necessária?*



Júlio César, 1953, Joseph L. Mankiewicz

ATO IV . CENA I

Marco Antônio e Otávio divergem sobre a presença de Lépido entre eles.

ATO IV . CENA III

Bruto e Cássio divergem sobre a condenação de Lúcio Pela por suborno. Bruto também se exalta. Acertam-se.

Morte de Pórcia: “enlouqueceu e engoliu fogo”. Messala confirma a notícia.

BRUTO: Pórcia, adeus. Todos temos de morrer, Messala.
Por meditar que um dia Pórcia morreria,
Minha alma pode suportar sua morte agora.

*Linha da ação mais descontínua.

ATO IV . CENA III

Entra o Fantasma de César.

[...]

BRUTO: Que estranha chama arde nesta vela!
Que é isso? Quem vem lá, quem se aproxima?
Eu acho que a fraqueza de meus olhos
Formou esta monstruosa aparição.
Ela avança. És acaso um ser real?
És algum deus, um anjo, algum demônio
Que fazes o meu sangue congelar
E me eriças a ponta dos cabelos?
Fala comigo e diz o que tu és.

FANTASMA: Teu gênio mau, ó Bruto.

BRUTO: E por que vens?

FANTASMA: Dizer que nos veremos em Filipos.

[...]



César deve morrer, 2013, Vittorio Taviani e Paolo Taviani

ATO V

- Novamente reaparecerem divergências entre Otávio e Antônio.
- Cenas bélicas, em meio às batalhas. Sintéticas. Alternância dos focos narrativos.
- Cássio e Bruto põe fim à própria vida antes que sejam capturados pelos inimigos.

ANTÔNIO: Este foi o mais nobre dos romanos
Todos os conjurados, fora ele,
Agiram contra ele por inveja;
Só ele com honesta consciência
E pelo bem comum, juntou-se ao bando.
Nobrememente viveu, e os elementos
De tal forma em seu ser se equilibravam
Que a natureza bem podia erguer-se
E proclamar ao mundo: “Eis um homem”



Caesar, 1937, direção de Orson Welles

Consideração final

Sobre as relações do contexto isabelino com os fatos históricos romanos: “ [...] quererá a Inglaterra ser como Roma? Que escolhas poderão ser feitas para se impedir que Isabel I seja Júlio César? Que opções estarão disponíveis para se evitar uma guerra civil quando Isabel I morrer sem deixar descendentes?” (p. 46, VIEIRA)

Bibliografia

ARCANJO, Fábio Ávila; PEIXOTO, Thiago Fernandes. **Construções retórico-argumentativas em Júlio César, de Shakespeare**. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados de em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 19, v. 2, p. 33-53, dez. 2019.

BLOOM, Harold. Prefácio. In: WILLIAM, Shakespeare. **Júlio César**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

VIEIRA, Fátima. **Júlio César, de William Shakespeare: Representando Roma e o Ditador, Moldando o Imaginário Popular Inglês**. Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos, série 3, vol. 8, nº 2, 2019.